

Wong Yong Ji *

O ecumenismo tem futuro? A impressionante instituição construída em nome do ecumenismo tem importância para a igreja nos dias de hoje? O ecumenismo parece estar-se aproximando de uma encruzilhada decisiva: irá adiante, recuará ou alterará seu percurso?

Participei de um grupo de 50 homens de igreja (professores de teologia, funcionários de organizações ecumênicas, jovens e velhos, representando as tradições reformada, anglicana, luterana e católico-romana), que estudaram êstes pontos durante quatro dias, em março, numa serra da Alsácia chamada Liebfrauenberg, na França.

Foi uma conferência patrocinada pelo Instituto Luterano de Pesquisa Ecumênica, de Estrasburgo, cujo tema era *O Futuro do Ecumenismo*. O próprio tópico já continha uma pergunta, que, no final do encontro, continuou sendo formulada. Foi importante, contudo, a exploração e a discussão do assunto.

Os participantes da conferência eram bastante representativos: a maioria era formada de escandinavos, alguns anglo-saxões e dois asiáticos. Havia nomes como o do arcebispo Luterano da Suécia, Ruben Josefson, o bispo católico-romano Hans L. Martensen, da Dinamarca, o bispo luterano Gerhard Heintze, de Brunswick, o cônego anglicano James Atkinson, de Sheffield, na Inglaterra, e o professor Edmund Schlimk, luterano de Heidelberg, Alemanha Ocidental.

As sessões se iniciaram com palestras sobre: *Do Movimento à Instituição — Levantamento Crítico do Movimento Ecumênico*, pelo professor Georges Casalis, de Paris, da Igreja Reformada, e pelo bispo luterano Per Lonning, da Noruega, e *Padrões Estabelecidos ou Ação Profética — Futuro e Unidade da Igreja*, pelo professor Bernhard Haering, de Roma.

Palestras

O professor Casalis declarou enfaticamente que, do ponto de vista tradicional, “acabou a era ecumênica” e que as instituições ecumênicas existentes estão desatualizadas — do ponto de vista eclesiástico, oficial e clerical.

Novas estruturas que aparecem, grupos de ação cristã comum, novas formas de envolvimento católico-romano, diálogo ecumênico de âmbito mundial, paróquias ecumênicas — tudo isso representa um desafio às organizações oficiais ecumênicas de hoje, declarou o teólogo reformado.

O professor Casalis afirmou que o ecumenismo se afastaria inevitavelmente da Igreja, passando “do ecumenismo teológico e dogmático para o ecumenismo secular e indutivo”.

Acrescentou que êsse novo fenômeno pode ser chamado de “ecumenismo dinâmico”, que enfatiza a preocupação e envolvimento político e social do cristão. O mundo está mais interessado em encontrar soluções para a fome, injustiça e guerra, do que nas descobertas abundantes de

grupos ecumênicos interessados em si mesmos e nos ensinamentos dedutivos das igrejas estabelecidas.

O bispo Lonning também criticou as organizações ecumênicas, acentuando que novas estruturas, de aspectos mais relevantes, são necessárias para o confronto com novas necessidades.

Analisando as tentativas ecumênicas do século, o bispo apontou três períodos: 1) o movimento ecumênico na forma de “movimento”; 2) um período de ecumenismo da igreja; 3) um ecumenismo funcional, afastado da igreja e orientado para o mundo.

O bispo Lonning afirmou que, embora o ecumenismo se tenha criado como um movimento profético entre os cristãos, atualmente consiste num tipo determinado de instituição eclesiástica. Preservar o Evangelho não é preservar uma determinada instituição; acrescentou que o afastamento da igreja por parte de seus membros encontra paralelo naqueles que querem “afastar o mundo” do mundo.

Neste sentido, continuou o bispo, “a secularização e a clericalização nada mais são do que dois aspectos de uma só coisa”; portanto, a tarefa de um novo ecumenismo individual dos cristãos poderá consistir em evitar aquelas ênfases, através do envolvimento dinâmico voluntário na vida e no mundo.

O padre Haering analisou os padrões estabelecidos do ecumenismo “de igreja”, acentuando o testemunho e ação profética, que visam à unidade das igrejas e da humanidade.

“Não existe futuro para a unidade dos cristãos sem uma apreciação retrospectiva e o arrependimento pelos pecados passados e presentes” — afirmou o participante católico-romano. Enfatizou que não estava falando de uma “uniformidade” mas de uma unidade na “pluralidade”, que não se identifica com separação.

O trabalho apresentado pelo padre Haering tinha tom altamente reconciliador para com os protestantes e era de caráter devocional e pastoral. Sem nenhuma intenção pejorativa, um dos participantes viu nele um texto “cheio de romantismo da unidade”.

Algumas soluções comuns

As dimensões funcionais da resposta do homem à ação de Deus em Jesus Cristo e através de Jesus — a proclamação do Evangelho (kerygma) e a ação cristã e serviço (diakonia) no mundo — trazem, inevitavelmente, tensão à teologia ecumênica e prática nos nossos dias. Por um lado, temos o evangelho tradicional — teologia com ênfase na evangelização, conversão e entrega pessoal a Cristo. Ambas as tendências concordam ao afirmar: é necessário que o cristianismo viva novamente no mundo! A pergunta básica é: como?

Sentiu-se essa tensão na conferência; no entanto, os participantes de pensamento *ecumenístico* eram mais numerosos do que os “conservadores evangélicos”. Além disso, a conferência examinou o “ecumenismo secular”, cujo foco está no mundo secular, tendo-se originado da tensão mencionada. De forma pessoal e única, o professor de ciências políticas, metodista do Paquistão, dr. A. M. Barkat (agora em Bossey), descreveu

a tensão como uma batalha entre os “rapazes da Bíblia” e os “rapazes da ação social”. Será que os dois grupos se encontrarão algum dia?

O ecumenismo secular é definido como “as conseqüências ecumênicas de uma teologia e fé que tem como ponto de partida o pleno envolvimento da igreja no mundo secular”. (Assembléia da Federação Mundial Luterana). Nêle, a preocupação fundamental é ver como a igreja pode desempenhar seu papel no mundo secular sem ficar secularizada ou perder sua identidade como Igreja de Deus.

A conferência concluiu que a proclamação e o serviço, a fé e a ação social são inseparáveis. No entanto, alguns participantes preferiram dar prioridade à proclamação do Evangelho como meio para a generalização da fé, encarando a ação cristã como o fruto necessário da fé. Outros acreditam que a proclamação e a ação estão entrelaçadas ou são, mesmo, idênticas.

Movimento e Instituição

“O movimento e a instituição são necessariamente antitéticos?” — perguntou o Rev. Konrad Raiser, do Conselho Mundial de Igrejas. Não serão neutros por natureza termos como — instituição, sistema, estrutura, centralização ou descentralização, organização e até mesmo burocracia? Mesmo um termo mais popular, atualmente, como “pluralismo” pode, por vêzes, tornar-se um “pluralismo institucionalizado”, segundo o professor luterano Gerhard Forde, de Oxford, Inglaterra.

“Necessitamos de algo mais que uma afirmação geral” — afirmou o dr. Kurt Schmidit-Clausen, oficial da igreja de Hanovre. Uma crítica geral não basta, qualquer que seja o tema a que se aplique. Maior número de movimentos ecumênicos criadores deverão surgir na década dos 70, em contraste com o “período de namôro”, de índole reconciliadora, típico da década dos 60. A sabedoria na orientação de um sistema freqüentemente determina o seu sucesso. O perigo ou a possibilidade de êrro existe em tôdas as instituições. Ao encarar êste ponto de ordem prática, a conferência notou, igualmente, a importância de uma representação justa do ocidente e do oriente e sugeriu a criação de um “pool” financeiro que desenvolvesse medidas nesse sentido.

Dimensão Espiritual

O ecumenismo atuante pede renovação espiritual contínua, companheirismo cristão (através dos Santos Sacramentos, como exemplo) e aprofundamento da compreensão espiritual da unidade de Cristo. Tendo em vista êsse ponto, foram destacados os seguintes tópicos: em tôdas as reuniões ecumênicas, a liturgia e o estudo bíblico deveriam ser preparados com tanto cuidado e imaginação como as outras atividades; a teologia do Espírito Santo deveria ser encarada com mais intensidade; no campo da dimensão espiritual, deveríamos tentar criar e dinamizar formas novas e mais compreensivas de pensamento e ação.

Algumas observações pessoais

Foi realmente uma experiência esclarecedora: poder conviver com grupo tão destacado por sua mentalidade analítica e observar a forma

como analisavam os atuais estabelecimentos ecumênicos, se bem que, às vezes, não ficasse claro a que instituições exatamente se referiam. O ecumenismo, a igreja e o cristianismo não são sinônimos; estão, no entanto, intimamente ligados entre si. Como sistema de pensamento ou organização, eles partilham, igualmente, de tôdas as fraquezas imagináveis e inimagináveis.

Existe futuro, em algum lugar, para nós e para qualquer movimento que seja? Achamos que o ecumenismo tem futuro, pois estamos certos do aspecto dinâmico da mensagem redentora de Cristo, que é a força geradora trabalhando entre os campeões do ecumenismo. Neste sentido, apreciei bastante o destaque soteriológico, paralelo ao aspecto da responsabilidade social cristã, salientado na conferência, especialmente por muitos homens de igreja alemães, como Oberkirchenrat Gottfried Klapper e o professor Schlink.

O povo cristão da nossa geração precisa de uma perspectiva mais positiva do conteúdo de sua religião e de menos apologia e negativismo. Quer dizer: olhar mais para Cristo do que para o aspecto humano dos abusos das igrejas estabelecidas. Uma religião sem visão mundial positiva não tem sentido. O bombardeio do estabelecimento é dramático, mas a reconstrução dos destroços é exaustiva. Talvez por falta de tempo durante a reunião, não se fez nenhuma definição precisa de "ecumenismo", nem se identificou totalmente o seu complexo perfil, nem se fez análise convincente daquilo que entendemos por *estabelecimentos ecumênicos e instituições ecumênicas de igreja*.

Ao examinarmos o futuro do ecumenismo, parece-nos que o ponto de partida reside nas *funções* em vez de nas *formas* das organizações e estruturas ecumênicas, quer sejam mais centralizadas ou mais descentralizadas. A função determina a forma, e a instituição pode ser corretamente justificada através de seu trabalho. O movimento ecumênico nas últimas décadas tem prestado serviço variado: 1) na área do companheirismo, através do diálogo e de encontros pessoais e de grupo; 2) na área da comunicação, promovendo, assim, maior compreensão; 3) na promoção da união de organismos, coisa um pouco limitada nas igrejas; 4) no fato de lembrar constantemente nossa unidade em Cristo.

Além disso, podemos, justificadamente, apelar para: a) mais respostas conjuntas de caráter cooperativo dadas ao Evangelho, entre as igrejas; b) mais expressão dinâmica da missão da igreja, uma vez que uma igreja sem missão não faz sentido; c) encontro mais poderoso com o mundo, com o Evangelho como força regeneradora.

O movimento ecumênico da nossa geração teve um período agitado. Seu futuro, contudo, não parece inteiramente otimista. No meio da melodia do ecumenismo aparecem notas de interesses particulares denominacionais e confessionais, que se fazem ouvir alto. Nenhum fundamento teológico e espiritual parece estar suficiente e amplamente preparado para enfrentar o aspecto da *oikumene* da igreja. No confronto com tantas mudanças perturbadoras e desafios de caráter social, não parece ser suficiente uma dose de habilidades diferentes adicionadas ao *statu quo*. As perspectivas não são inteiramente animadoras, mas também não são completamente negras.

ECUMENISMO SECULAR

NOVA PALAVRA PARA UM VELHO CONCEITO?

Gunther Gassmann *

É, em geral, fora do comum e, talvez, enganador, o termo *Ecumenismo Secular*, título da subseção da Seção II (Declaração Ecumênica) da próxima Quinta Assembléia da Federação Mundial Luterana.

Para muitas pessoas o termo parece, inicialmente, designar as tendências e esforços para a unidade no mundo atual. Um exame mais preciso, porém, revela que foi amplamente usado em círculos anglo-saxões, não devendo, portanto, desaparecer facilmente. Indica a situação tensa e incerta na qual se encontra, hoje, o movimento ecumênico.

Ecumenismo Secular caracteriza um dos elementos dessa situação; enfatiza a missão e serviço comuns dos cristãos dentro das relações sociais deste mundo. Portanto lembra o fato de que, possivelmente, a missão e o serviço não têm sido sempre componentes essenciais ou mesmo pré-requisitos no campo do combate ecumênico e no esforço pela unidade dos cristãos. Em outras palavras: precisamos de nova palavra — talvez enganadora — para designar tal estado de coisas, bastante conhecido e reconhecido?

O documento preparatório para a Subseção 4 da Seção II, em Pôrto Alegre, que foi formulado pelo Instituto de Pesquisa Ecumênica de Strasburgo, na França, procura provar que não é isto o que acontece. Afirma que o *ecumenismo Secular* é um termo que contém tendências mais amplas do que simplesmente uma nova edição da expressão *cristianismo prático* (Vida e Trabalho) ou a afirmação da freqüente cooperação prática entre as igrejas no mundo de hoje.

São tendências que, para alguns, levam a um “terceiro movimento ecumênico”, depois da primeira fase (individual) e da segunda (eclesiástica).

Por que, então tanta discussão? O ecumenismo secular designa um ecumenismo que está orientado para a reconciliação e unidade de toda a humanidade que, por seu lado, considera a unidade das igrejas secundária.

Ao mesmo tempo, grupos interconfessionais chegaram, através da experiência, à conclusão de que, na missão e serviço comuns, se realiza uma unidade que deixa para trás as diferenças tradicionais das igrejas, agindo mais efetivamente do que todas as afirmações formais teológicas.

Por quê? Acredita-se que é porque a essência atual da existência cristã e eclesiástica consiste na missão e no serviço, levando à participação na atuação presente de Deus na história. Mais: é missão orientada para o futuro, que pode e deve estar livre das preocupações de lutas teológicas e eclesiásticas e diferenças de uma era ultrapassada e antiquada.

Não é fácil apontar os perigos e ilusões existentes entre grupos muito diferenciados e tendências do ecumenismo secular. No entanto, é necessário evitar julgamentos, antes que o desafio que êste tipo de ecumenismo faz às instituições eclesiásticas ecumênicas tenha sido aceito. Somente poderemos entender êsse novo fenômeno à luz dos fracassos das tendências rígidas dessas instituições.

O documento do Estrasburgo, sem se identificar com o ecumenismo secular, adotou o papel de advogado dos interesses e esforços dêsse "terceiro movimento ecumênico", para que a Assembléia de Pôrto Alegre possa estudá-lo numa atitude de auto-exame amplo, em vez de encará-lo à maneira de um tribunal mesquinho, que já fêz antecipadamente seu julgamento.

* O dr. Ji é teólogo luterano coreano, servindo atualmente como secretário asiático no Departamento de Missão Mundial da Federação Mundial Luterana.

* O dr. Gassmann, teólogo alemão, é professor pesquisador no Instituto de Pesquisa Ecumênica de Estrasburgo, na França, órgão relacionado com a Federação Mundial Luterana.